MENINAS NA QUÍMICA: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA REPRESENTATIVIDADE FEMININA E EXPERIMENTAÇÃO

Ester da S. B. do Nascimento[1] (IC), Sarah C. M. de Sequeira[1] (IC), Lohrene de L. da Silva[1] (PG), Fernanda A. N. G. Silva[1] (PQ), Vivian M. S. Martínez[1] (PQ), Viviane G. Teixeira[1] * (PQ)

[1]Universidade Federal do Rio de Janeiro * *vgomes@iq.ufrj.br*

Palavras Chave: *Educação, Ludicidade, Gênero, Cosméticos, Estereótipos*

Introdução

O projeto Meninas na Química, do Laboratório Didático de Química da UFRJ, busca despertar o interesse de meninas em ingressar nas carreiras das Ciências Exatas e da Natureza a partir de encontros em escolas públicas do RJ onde são desenvolvidas oficinas de debates e experimentação química. Tendo em vista a necessidade de ampla divulgação e discussão acerca da representatividade feminina no ramo científico[1], o projeto passou a atuar em eventos de divulgação científica, tratando a temática de forma dinâmica e atrativa para o público. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o conjunto de oficinas propostas pelo Meninas na Química a fim de promover a difusão e popularização da química a partir de questões de gênero.

Resultados e Discussão

Em eventos de divulgação científica, realiza-se uma oficina composta de três momentos (Figura 1). No primeiro, o público é convidado a resolver um jogo composto de vinte cartas: dez contendo somente a fotografia de uma mulher e dez contendo uma minibiografia feminina, com nome, país de origem, ocupação e motivo pelo qual a pessoa se destaca. São mulheres de diversas áreas de atuação, oriundas de países diversos, a maioria brasileira, de diferentes faixas etárias e fenótipos. Os participantes, então, devem correlacionar as imagens das mulheres às minibiografias, da forma como preferirem, e apresentar ao grupo as razões que os levaram a tais combinações. Em seguida, o público é convidado a realizar a atividade experimental de produção de batom. A última atividade desenvolvida é um teste de personalidade, realizado em mídia digital, chamado "Descubra que cientista você é".

Figura 1. Momento de aplicação da oficina.

Durante as discussões travadas com as meninas de todas as idades, público alvo da atividade, alguns conceitos prontos do imaginário coletivo são evidenciados. Isso emerge logo na primeira atividade da oficina, por meio dos parâmetros usados pelas meninas no jogo de cartas. Em sua maioria, elas atribuem às imagens de algumas mulheres cientistas as profissões de atriz e modelo, enquanto as mulheres mais velhas são caracterizadas como cientistas, o que não é necessariamente uma verdade sobre as mulheres abordadas no jogo. Ao serem retificadas, as meninas surpreendem-se com suas respostas, momento em que é possível tratar do padrão hegemônico de beleza e como os estereótipos de gênero podem nos definir profissionalmente. Durante essa discussão, as meninas são também questionadas sobre a figura idealizada de uma pessoa cientista, sendo comuns respostas que se valem de padrões estéticos europeizados, como um homem branco, de cabelos bagunçados, jaleco e muito inteligente. Assim, a maioria das meninas, não se vê representadas por esse imaginário e isso pode se tornar um obstáculo para o desenvolvimento de seu interesse pelas carreiras científicas. Passa-se, então, a tratar da atividade científica por meio da reflexão sobre o conhecimento científico relacionado a produção do batom, cosmético muito associado ao ideal de feminilidade. Com o experimento, promove-se a discussão dos conceitos de solubilidade, tipos de misturas e ligações químicas, sempre de acordo com a faixa etária e escolaridade do público, de forma que as meninas se percebam capazes de desenvolver a atividade científica. A oficina se encerra com o teste de personalidade, onde todas as perguntas são a nível de gostos pessoais, de modo que, ao fim, o participante se reconhece como uma cientista cuja prática se aproxima dos seus próprios interesses.

Considerações Finais

A atividade tem possibilitado a divulgação de realizações femininas, provocado inquietação e questionamento do público quanto aos estereótipos de gênero associados ao fazer científico de modo lúdico e contextualizado, fazendo-o perceber que a ciência é, sim, um campo de atuação para mulheres, independentemente de qualquer padrão social.

Agradecimentos

PR5-UFRJ e CNPQ

[1]SANTOS, J. A.; LOPES, M. D. Representação feminina na ciência: um olhar sob a perspectiva étnico racial nos livros didáticos de física. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 58-69, 2017.